

LabLUXZ_ versus Antropoceno. *Empírico ou Experimentais.*

Paulinho Fluxus

Nós do grupo intermídia LabLUXZ_, baseados em São Paulo, venimos com este texto a compartilhar elementos do trabalho de Luz, pesquisa e o envolvimento em andamento nos últimos dos anos realizado junto aos movimentos de resistência pelos direitos dos povos indígenas, junto de comunidades no estado de São Paulo, Mato Grosso e em articulação com povos de todo o Brasil, que se relacionam diretamente com questões levantadas na discussão e crítica aos conceitos de Antropoceno e Capitaloceno.

Nosso grupo, com membros de distintas áreas do conhecimento artístico e técnico com formação universitária, vem aprofundando as pesquisas analógicas e digitais de tecnologias de luz, com foco nas projeções a Laser e seu uso como expressão e linguagem. Sempre trabalhando de forma autônoma e crítica, dentro dos campos das artes visuais, junto de distintos movimentos sociais (Movimento Negro, LGBT, Queer, Direito à Cidade, Feminista, movimento estudantil-universitário, luta anticapitalista, Ocupações de Moradia e Cultural, pela memória, em defesa da democracia etc) e em apoio a movimentos artísticos independentes da música. Muitos que lidam intensamente com a ocupação dos territórios das ruas, como as festas itinerantes que mudaram a cara e a ocupação da noite de São Paulo na última década.

Desenvolvemos ao longo da nossa trajetória tecnologias de guerrilha estética nômades, que nos permitem ter autonomia de movimentação e de fonte energética que nos fez chegar e ocupar com liberdade lugares impensáveis antes. Bem longe das salas institucionais. Segue sendo uma busca nossa trabalhar vivamente fora do cubo branco ou da caixa preta e em relação com o corpo da cidade e suas questões políticas vivas.

Pretendemos em nosso texto desenvolver questões fundamentais suscitadas a partir do encontro e envolvimento com a cultura e a luta pela causa indígena e seu questionamento das sociedades ocidentais e do pensamento colonizado. Se em grande parte das leituras realizadas do Antropoceno, entendendo a intervenção da espécie humana agindo como força geológica transformando profundamente o funcionamento dos ecossistemas, cabe pensar que parte dessa humanidade é responsável pelas transformações que encaminham o planeta para um colapso. A sabedoria das culturas indígenas, soube e sabe viver em relação mais sustentável com a natureza. Visualizando via satélite os territórios indígenas demarcados, se verificará que são as áreas com maior bioma preservado.

Como responsabilizar as centenas de povos indígenas pela alteração que a sociedade de consumo exerce no mundo, sendo que sempre foram resistência contra o violento processo colonizatório. Se hoje as montanhas são cortadas pela ganância capitalista das mineradoras e as represas se rompem com a lama virando nosso teto, essa construção é resultado da busca imedida pelo lucro, levado a cabo por um pensamento branco e colonizador.

Davi Kopenawá Yanomani diz que o céu cairá sobre as nossas cabeças quando não houver mais xamãs para segurá-lo no lugar.

Se esta predição não responde aos métodos científicos, é de outra qualidade de sabedoria que nos aponta um presente em que as ideias de um grupo de homens, o branco, ataca o mundo em seus interesses. Existem outras cosmovisões sobre o mundo, que entendem a relação com o ambiente de maneiras muito distintas que o capitalismo ocidental e não há como dividir essa culpa com povos que sempre lutaram contra a destruição que o colonialismo promoveu.

Se o europeu já chega a América movido por seus interesses mercantilistas e expansionistas em busca de riquezas materiais, alterando assim o mundo em que vive. Também nas Américas, o humano também era promotor de modificações no meio ambiente, mas sua relação era construída através de outra cosmovisão. O europeu chega a América e vê o paraíso bíblico, intocado e criado por deus, mas não consegue entender que esse paraíso também é construção, mas de outra forma de ver o mundo. É por isso que chocam tanto os estudos arqueológicos que nos mostram hoje que a Floresta Amazônica foi plantada e manejada pelas culturas que ali viviam.

O encontro de nossa tecnologia high-tech com questões e conteúdos com essas culturas ancestrais tem gerado questões interessantíssimas. Se antes refletíamos sobre o longo alcance das projeções à Las3r na escala da cidade, podendo projetar em prédios de 30 andares, prédios simultâneos juntos, no diálogo e proposições conjuntas iniciadas junto aos movimentos do Guarani Mbyas, que tem suas terras na base do monte mais alto dentro da cidade de São Paulo, o pico do Jaraguá. Começamos a mudar a referência para a escala da montanha. Uma escala em que as dimensões humanas se perdem.

Nesses 519 anos, desde a chegada dos colonizadores as terras brasileiras a resistência a colonização nunca foi fácil. No atual momento vemos a intensidade dos ataques e violências perpetradas contra os vários povos atingirem patamares absurdos. Desde a promulgação da Constituição de 1988, pontuando a abertura democrática após 21 anos de ditadura civil-militar, o momento atual aponta para o maior acirramento das violações dos direitos humanos desses povos e para uma crescente onda de violência contra seus territórios e corpos.

Queremos que nossa possa engrossar os escudos e fortalecer as flechas nessa guerra simbólico-espiritual. Queremos criar disparos estéticos/peles de imagem a partir da potência e sabedoria dessas culturas milenares e não apenas as mazelas impostas pelo processo colonizador.

Bibliografia:

KOPENAWA, David & ALBERT, Bruce. A queda do Céu. Cia das Letras.

LEVIS, C. *et al.* Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition. **Science**. v. 355, n. 6328, p. 925-31. 3 mar. 2017.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1909200301.htm>

<http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/03/02/populacoes-pre-colombianas-podem-ter-domesticado-a-amazonia/>

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43584353>

DE CASTRO, Eduardo Viveiros <https://criticasobrenatural.files.wordpress.com/2015/03/danowski-e-viveiros-de-castro-um-mundo-de-gente.pdf>











